



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA
V. 8, N.22, P.208-228
DOI:10.18764/2525-3441V8N22.2023.10

VELHAS E NOVAS CULTURAS DE COMUNICAÇÃO: TEMPOS DE CONSTRUÇÃO DE REALIDADES SOCIAIS IRREAIS

*OLD AND NEW CULTURES OF COMMUNICATION:
TIMES OF CONSTRUCTION OF UNREAL SOCIAL REALITIES*

Jorge Arlan de Oliveira Pereira

<https://orcid.org/0000-0003-3963-2139>

Resumo: O estudo busca compreender as transformações do comportamento dos indivíduos na sociedade sob o ponto de vista da comunicação, relacionando sistemas antigos e sistemas novos de circulação de informações. Faz uma relação entre os processos comunicacionais e os conflitos de interesse que demarcam as sociedades contemporâneas. Problematisa as situações crescentes de apagamento dos sentidos de verdade e de realidade; a submissão de amplas parcelas da população ao negacionismo da ciência e da política; os riscos de fragilização dos fundamentos do Estado Democrático de Direito. Percebe a convivência simultânea de comportamentos modernos e primitivos nas relações de indivíduos e de grupos em suas estratégias de sobrevivência, nas suas formas de produzir conhecimento e de compreender as dinâmicas políticas. Aponta-se a ascensão de forças inspiradas no fascismo, determinadas a estabelecer o controle da opinião pública; ainda uma predisposição de relevantes contingentes populacionais de se sentirem confortáveis no papel de massa de manobra. Identifica-se este quadro de desconstituição da modernidade no Brasil particularmente no período do governo Bolsonaro, caracterizado pelo uso intenso dos discursos midiáticos que geram desinformação, medo e violência. A análise qualitativa é feita sob a lógica do método dialético e da Análise do Discurso Crítica, respeitando a historicidade do objeto, baseada no raciocínio analítico de informações e de conceitos presentes em autores de referência, além de dados objetivos da realidade social. O estudo manifesta preocupação com o futuro da democracia, na medida em que os avanços tecnológicos, de modo contraditório, sugerem um retraimento da potencialidade da inteligência humana.

Palavras-chave: Comunicação; Culturas; Indivíduo e massa; Sociedade simbólica; Poder político.

Abstract: The study seeks to understand the transformations in the behavior of individuals in society from the point of view of communication, relating old systems and new spreading information systems. It makes a connection between the communicational processes and the conflicts of interest that demarcate contemporary societies. It problematizes the growing situations of erasure of the senses of truth and reality; the submission of large portions of the population to the denial of science and politics; the risks of weakening the foundations of the Democratic State of Law. It perceives the simultaneous coexistence of modern and primitive behaviors in the relationships of individuals and groups in their survival strategies, in their ways of producing knowledge and understanding political dynamics. The rise of fascism-inspired forces determined to establish control of public opinion is noted; still a predisposition of relevant population contingents to feel comfortable in the role of maneuver mass. It identifies this picture of deconstitution of modernity in Brazil, particularly in the period of the Bolsonaro government, characterized by the intense use of media discourses to generate disinformation, fear and violence. Qualitative analysis is carried out under the logic of the dialectical method and Critical Discourse Analysis, respecting the historicity of the object, based on analytical reasoning of information and concepts present in reference authors, in addition to objective data from social reality. The study expresses concern about the future of democracy as technology advances, in contradiction, it suggests a retraction of the potential of human intelligence.

Keywords: Communication; Cultures; Individual and mass; Symbolic society; Political power.



INTRODUÇÃO

A questão da comunicação vem atravessando os tempos, sempre em posição privilegiada no que se refere aos impactos que produz nas sociedades a partir de seus processos evolutivos.

Não atribuímos ao termo evolução, neste caso, um automático sentido de aperfeiçoamento de seu conjunto de conhecimentos, aparatos técnicos e de processos relacionais, mas basicamente indicamos que, sem dúvida, ela se transforma de maneira rápida e ocupa espaço crescente na vida dos indivíduos e na lógica de organização dos sistemas sociais.

Nosso estudo acaba realizando um pequeno passeio pela trajetória da comunicação ao recordar sua presença nos primórdios da civilização e do quanto foi decisiva para a afirmação humana no mundo, diante de tantos desafios pela sobrevivência. Situa determinados fios condutores da respectiva história, pelos quais se identifica a passagem da cultura oral para a complexidade da escrita, num extraordinário salto nas estruturas e nos comportamentos em razão da enorme expansão do conhecimento, cujo acúmulo modificou profundamente os parâmetros sobre a realidade.

Vemos que foi somente na segunda década do século XX que a comunicação assumiu a condição de fato midiática, particularmente com a presença do rádio, momento em que se colocam discussões a respeito dos efeitos na formação da opinião pública. Aparecem as primeiras ações revestidas da intenção do controle da opinião através do conteúdo de mensagens, sob a orientação do ministro da Propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels.

A história da comunicação não pode ser contada somente pelo viés do incremento dos aparatos técnicos, porque significaria simplismo e mecanicismo, como se não houvesse outros fatores de elevada importância. A ação de indivíduos e de grupos, comprometidos com outras lógicas civilizatórias, também foi determinante no alargamento da relevância dos fatores comunicacionais, na medida em que propunham conteúdos e modos organizativos, demarcando a força das experiências culturais existentes.

Mesmo que setores significativos tenham influenciado na evolução das mídias, percebeu-se ao longo do tempo a

hegemonia daqueles que detinham o protagonismo das transformações tecnológicas, sendo capazes, por isso, de impor as lógicas dos seus funcionamentos e especialmente das suas finalidades.



Não há dúvida de que os avanços das diferentes dimensões da comunicação proporcionaram importantes reflexos nas condições de vida das populações, basta relacionarmos alguns pontos: revolução da prensa gráfica, a comunicação física, os impérios nacionais na comunicação, a comunicação transatlântica. Demarcaram as práticas da comunicação oral, da comunicação escrita, da comunicação visual, das imagens impressas, da comunicação multimídia, da interação entre meios de comunicação, comunicação clandestina, do crescimento do mercado, da história da leitura, da instrução, do divertimento e até da incidência da censura, etc. A comunicação física fez parte do grande processo informacional, ao viabilizar e agilizar relações: ferrovias, navios, o correio, telégrafos, telefones, radiotelegrafia, cinema e televisão, gramofone.

No atual estágio, estabeleceu-se o reino da internet, com a multiplicação estonteante da quantidade de informações e da velocidade com que circulam; a ampliação das redes sociais, o domínio das plataformas digitais e o controle das informações pelas big datas. Neste cenário, apareceu o componente assustador da vigilância digital através das operações dos algoritmos, fato que recoloca velhas discussões em roupagens novas. Reaparecem, por consequência, elementos que motivaram as reflexões filosóficas e sociológicas da Escola de Frankfurt, a partir do início do século passado.

As maiores preocupações dos elaboradores da Teoria Crítica se deviam aos mecanismos de intervenção da mídia na cultura social, capazes de induzir comportamentos e de manipular a opinião pública, retirando dos seus leitores, ouvintes ou telespectadores a possibilidade de serem efetivos atores na produção da cultura. Os estudos, nesta perspectiva, adquiriram expressão na denominada Indústria Cultural, quando o processo de informações era analisado enquanto sistema, articulado em torno de poderosos interesses econômicos e políticos.



Tais questões ressurgem com muita força, porque o poder das plataformas digitais nos processos comunicacionais tomou proporção gigantesca, E assume os contornos da capacidade invasiva dos novos aparatos técnicos, permitindo dizer que se estabeleceu a época da sociedade vigiada, controlada e manipulada para determinados interesses, sobretudo econômico. Neste quadro, o consumidor é o usuário destas estruturas especializadas em recolher dados de pessoas e de organizações para fazer uso como lhe convier.

Para agravar, o sistema econômico, um capitalismo na sua fase neoliberal, se entrelaçou fortemente com o sistema político que se organiza em torno de ideias de inspiração fascista, pelas quais as relações sociais se resolvem na base das discriminações de minorias, no incentivo ao uso de armas, nos atos de violência e de ódio. Colaboram de modo decisivo, assim, para a desestabilização de estados nacionais que se assentam nas perspectivas democráticas e de direito.

211

Tendo como espaço privilegiado as redes sociais, mas também no circuito de qualquer operação digitalizada, as plataformas e demais *big techs* inauguram movimentos informativos de caráter totalizante, no propósito de vigiar, estimular e padronizar comportamentos voltados ao lucro dos setores que representam, incluindo nisso as referidas articulações de caráter político. A ignorância e o negacionismo da ciência lançam as redes sociais na esfera da degradação humana, tornando o vírus informacional um problema existencial.

Trata-se da afirmação do espírito da pós-verdade, um problema ético-moral, pelo qual a mentira e a desonestidade parecem naturais e aceitáveis, numa desestruturação do padrão de valores da modernidade social, cujo discurso preza hierarquicamente pelo sentido da verdade. O resultado tem sido desastroso, porque contingentes enormes das populações ao redor do mundo, sendo o Brasil um dos principais, demonstram a perda da capacidade de compreensão da realidade, organizando verdadeiros mundos paralelos, muitas vezes no papel de virulentos ativistas políticos.

Nosso estudo buscou dialogar com autores de diferentes campos do conhecimento, considerando, neste



contexto, elementos conceituais e empíricos, tomando afirmações relevantes que eles fizeram em suas obras. Explicitamos ainda nossas escolhas metodológicas, as quais apresentamos, a título de ilustração e de observação da realidade, manifestações do governo Bolsonaro nas mídias em que se identificam os traços do negacionismo e da alimentação informativa (e simbólica) dos seguidores fanatizados.

Assume-se posição mais livre nas considerações finais, em tom quase ensaístico, mas ancorada na discussão estabelecida, para priorizar afirmações que decorrem das compreensões por nós desenvolvidas na observação do cenário midiático. Dedicamos espaço para esclarecer os vetores metodológicos do trabalho, nos quais se destaca a diretriz orientadora do método dialético, submetido ao raciocínio analítico e aos parâmetros da Análise do Discurso Crítica.

E propomos, ao final desta introdução, a seguinte pergunta. Estaria surgindo um novo entendimento do caráter da massa? Caso positivo, certamente seria uma comunicação de massa de outro tipo, sem a forte centralidade das grandes mídias tradicionais, mas que acaba gerando um modelo de cultura de massa em um circuito hiper fragmentado de canais midiáticos, porém dotadas de fios condutores que interligam indivíduos dispersos para ações virtuais ou físicas.

212

AS PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DEFINIDAS

A proposta deste trabalho seguiu a compreensão de que seria necessário discutir a temática central, expressa no título *Velhas e novas culturas de comunicação: tempos de constituição de realidades sociais irreais*, com espírito crítico e dialógico. Para isso resolveu empreender um percurso metodológico no qual observasse afirmações relevantes de um conjunto de autores a respeito de transformações que estão ocorrendo no mundo da comunicação midiática.

E noutro espaço relaciona algumas intervenções midiáticas do governo Bolsonaro e de seus seguidores políticos, a fim de avaliar as características das mensagens, especialmente no



questo da correção das informações e da sintonia com a realidade. Faz parte da estratégia metodológica ainda prever o espaço das considerações finais com abordagens mais livres do pesquisador, no esforço de síntese, mas principalmente de exercitar um posicionamento diante do quadro.

Cada vez mais acreditamos que os processos de levantamento e análise dos dados podem comportar estratégias simultâneas e diferenciadas, desde que mantenham uma adequada articulação entre si, no que poderíamos denominar de ação transmetodológica. Mais importante é afirmar uma linha unificadora dos percursos, neste caso o caráter dialético que respeita a historicidade do objeto e aplica as lógicas do raciocínio analítico por meios da observação, a interpretação, a dedução, a indução e a inferência.

Poderíamos chamar de uma cesta de métodos que podem ser aproximados conceitualmente e empiricamente nos campos das pesquisas qualitativa e quantitativa. Esta combinação é capaz de abordar o objeto de estudo valorizando as suas diferentes potencialidades informativas, seja na configuração objetiva (material) como no plano do sensível.

Uma diversidade de caminhos articulados no nosso caso envolve os instrumentais do Método Sociológico, da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso Crítica, mesmo que um deles prepondere em determinadas situações. O importante é o ímpeto de descoberta no rastro da mais profunda verdade possível. Na acepção transmetodológica, o objeto de estudo, revalorizado pelas variações da abordagem, sustentados na problematização, se mostra mais amplamente no seu conjunto de significados.

As regras do Método Sociológico, conforme Durkheim (2003, p. 31), parte da identificação e conceituação do fato social. Ele afirma que "não é possível definir o fato social pela sua generalidade no interior da sociedade (p, 31). São características distintivas dos fatos sociais primeiramente a sua exterioridade em relação às consciências individuais. E depois em relação à ação coercitiva que exerce ou é suscetível de exercer sobre essas mesmas consciências. Os fatos seguintes são relativos à observação dos fatos sociais definidos para estudo, à distinção entre o normal e

o patológico, à constituição dos tipos sociais, à explicação dos fatos sociais e ao estabelecimento de provas.

Numa definição que nos contempla, Marli Oliveira (2005, p. 37) afirma que pesquisa qualitativa ou abordagem qualitativa constitui “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Por outro lado, compreendemos, como a autora (p. 39) que a prática de combinar técnicas de análise qualitativa e quantitativa a proporciona maior nível de credibilidade e validade aos resultados da pesquisa e evitando-se, assim, o reducionismo por uma só opção de análise.



GOVERNO BOLSONARO E A NEGAÇÃO DA REALIDADE

O Brasil viveu períodos inacreditáveis durante e após o governo de Jair Bolsonaro, com os seguidores do ex-presidente, em estado de transe, cometendo diversos atos descabidos pela falta de lógica, pelo ridículo da situação ou, então, pelo ambiente de violência e de medo estabelecidos. Em todos os casos, porém, ficouⁱ visível a condição alterada das pessoas envolvidas, tomadas pelo sentimento de ódio e de inconformismo com a derrota eleitoral de seu candidato. Os atos golpistas de oito de janeiro foram antecidos por instalação de acampamento em frente aos quartéis, numa agressão explícita ao ordenamento constitucional e ao Estado Democrático de Direito. Vamos lembrar alguns, com a indicação de links para reportagens escritas ou vídeos da imprensa.

Na cidade de Caruaru-PE, dia 04/11/2022, um bolsonarista se agarrou ao para-brisa de um caminhão, quando o motorista tentou furar o bloqueio de trancamento de estrada. As imagens viralizaram na internet. Já no Rio Grande do Sul, um grupo de bolsonaristas fez um círculo com luzes, na cidade de Porto Alegre, dia 21 de novembro de 2022, quando pediram para que o *general* olhasse por eles, ao fazerem uma espécie de ritual das luzes, imagens que alcançaram muita repercussão nas redes sociaisⁱⁱ.



Aconteceram saudações nazistas em atos de bolsonaristas na cidade de São Miguel do Oeste-SC, dia 02/11/2022. Foi organizado para expressar inconformismo com o resultado da eleição, assunto noticiado no UOL Notícias.ⁱⁱⁱ Embora não haja ligações diretas com o resultado eleitoral, pode ser dito que o ambiente de violência, com estímulo à propagação de armas, estimulou o ato chocante de um rapaz que matou quatro crianças a facadas numa creche, em Blumenau-SC, no dia 05 de abril/2023.^{iv}

Não se pode deixar de registrar os atos de 8 de janeiro de 2023, quando um grupo de mais cinco mil bolsonaristas tentaram dar um golpe de estado para derrubar o presidente recém empossado, Luiz Inácio Lula da Silva, atacando as instalações dos três poderes. Veja fotos e vídeos do jornal Popular.^v

Bolsonaro buscou inflamar especialmente sua base de apoio na sociedade, tentando provocar o sentimento de raiva contra certos grupos, ou seja, gerar o caos e a sensação de instabilidade para que o ódio possa ser validado moralmente. Observa-se que ele consegue que suas falas sejam reproduzidas por seus simpatizantes, fazendo com que essa unidade, estimulada pelo ódio contra uma pessoa ou grupo de pessoas, evoque laços emocionais.

A desinformação desrespeita a dignidade da pessoa humana, o direito à honra, à imagem e, muitas vezes, à privacidade de alguém, com publicações que incitam à violência ou disseminam o ódio, fazendo com que crimes aconteçam diariamente e até mesmo que pessoas acabem cometendo suicídio por não suportar o teor de certas publicações. Acredita-se que a causa do discurso de ódio é a falta de conhecimento sobre determinado assunto e a necessidade de se expor para conseguir a consideração de outras pessoas através de publicações que parecem ser liberdade de expressão.

Neste ambiente, o ex-presidente chegou a relacionar falsamente a vacina contra a covid ao desenvolvimento da aids em uma de suas *lives* semanais. A comunicação pelas redes foi um dos vetores mais importantes para a instituição do caráter autoritário do governo Bolsonaro.



DISCUSSÕES DIALÓGICAS SOBRE O CONTEXTO MIDIÁTICO

Diante das potencialidades e dos dilemas dos sistemas atuais de comunicação, somos levados a pensar na origem desta extraordinária capacidade demonstrada pelo ser humano, afirmando-se como um diferencial decisivo em relação aos demais seres habitantes do planeta. E seguindo a metodologia proposta trazer posicionamentos de estudiosos reconhecidos em seus campos específicos de conhecimento para nos ajudar a pensar.

A primeira questão nos remete aos primórdios e como a comunicação teria se incorporado ao domínio das habilidades humanas. Stephens (1993, p. 46-47) compreende que a razão da sobrevivência, ao menos parcialmente, se deve à curiosidade dos nossos ancestrais em relação ao desconhecido com suas ameaças potenciais e potenciais recompensas. Podemos deduzir que vem daquele tempo a forte predisposição das pessoas a buscar informações habitualmente e até ansiosamente.

Se o jornalismo traz hoje o furo de reportagem, sob elevada expectativa do público, podemos deduzir que “as sociedades orais não cultivavam menos apreço pelos acontecimentos inusitados” (Stephens, 1993, p. 80). Mais uma explicação seria o atendimento de necessidades sociais de segurança e solidariedade (p. 84). Os processos também colaborariam para a centralidade de um líder pelas suas competências nos relatos, na arte da fofoca ou no compartilhamento de sentimentos de medo, pesar ou indignação.

Uma característica dos humanos é ter o cérebro extraordinariamente grande em comparação com o de outros animais. No *Homo sapiens*, observa Harari (2017, p. 16), “o cérebro equivale a 2 ou 3% do peso corporal, mas consome 25% da energia do corpo quando este está em repouso”. Na comparação, o cérebro de outros primatas requer apenas 8% de energia em repouso. Estas relações nos ajudam a compreender os processos mentais humanos e o lugar privilegiado que atribuem à sua comunicação.

Ainda no diálogo com Yuva Harari, ele nos assinala enfaticamente que a característica de fato de nossa linguagem não é a transmissão em si de informações, mas é a capacidade



de transmitir informações sobre coisas que não existem (2017, p. 32). Trata-se da habilidade da ficção e não apenas imaginar coisas, mas materializá-las coletivamente. Surgem, assim, os sonhos e os mitos. Falar de mitos, portanto, nos remete à ancestralidade. Tais competências imaginativas levaram os sapiens a governar o mundo. Podemos pensar no quanto tais habilidades vieram a impactar no desenvolvimento da ciência nas sociedades complexas.

Mas conforme Elias (1994, p. 108). O fator mais importante do controle do comportamento individual naquelas sociedades é a presença constante daqueles que o cercam, o saber-se ligados a eles e, ao mesmo tempo, o medo direto dos outros. Vemos aqui o quanto se faz presente e forte o apelo ao "nós" e a necessidade de ajustar os comportamentos em relação aos outros. Podemos constatar nestas discussões a marcante presença dos processos comunicacionais, porém, igualmente dos fatores de instabilidade das relações individuais e sociais pelos sentimentos de desconfiança, insegurança e medo.

Embora o interesse pela comunicação e os seus meios seja muito antigo, foi somente na segunda década do século passado que surge a denominação de "mídia". Briggs e Burke (2004, p. 11) afirmam que o conceito de "opinião pública" apareceu no final do século XVIII e a preocupação com as "massas" no século XIX por influência dos jornais na consciência de seus leitores.

A combinação das condições da ancestralidade sapiens com as transformações das sociedades pré-moderna e moderna nos oferecem elementos fundamentais para entender o que acontece hoje no mundo da comunicação, na medida em que nos deixa perceber princípios determinantes dos comportamentos de indivíduos e organizações na sociedade.

Keyes (2018, p. 20) analisa as questões do nosso tempo e a acentuada perda de compromisso com a verdade nas informações que circulam socialmente, mesmo que houvesse mentiras e mentirosos, tudo era bem mais comedido e as pessoas hesitavam em fazê-los,



acompanhado de timidez e sentimento de culpa. E que agora as pessoas usam suas inteligências para manipular a verdade.

Para Keyes (p. 20), vivemos em uma era da pós-verdade. A pós-veracidade existe em uma zona ética crepuscular. Permite-nos dissimular sem nos considerarmos desonestos.

Ele nos sugere imaginar o quanto isso se potencializa ao se lidar on-line, operando programas de software na conversa com usuários humanos como se eles também fossem *Homo sapiens*. O autor considera muito ruim a sensação de que se é enganado rotineiramente. E enfatiza que temos cada vez menos certeza de com quem exatamente estamos lidando, ou do quanto acreditar no que nos dizem" (2018, p. 209).

Segundo Snowden (2019, p. 280), nossos dados vagam por todo lado. Nossos dados vagam sem parar. E que estes nossos dados são gerados já enquanto estamos no útero e continuarão até depois que morrermos. No caso de Snowden, há uma indignação com o que denomina de deus-vigilância (2019, p. 281-282) a controlar todos os dados, seja as pontuações de cidadania, as ações criminosas, os relativos à educação, à saúde ou ao histórico financeiro.

O jornalista Glenn Greenwald (2014, p. 213), citando entrevista concedida por Frank Church, em 1975, ao programa Meet the Press, afirma que a capacidade que o governo tem de monitorar tudo pode ser voltada contra a população, e que "(...) nenhum americano teria mais privacidade alguma. Seria impossível se esconder". Para Greenwald (p. 213), um Estado de vigilância que coleta tudo prejudica a sociedade e a liberdade política em geral.

As preocupações de Greenwald e de Snowdown são convergentes com as de Rodotà (2008, p. 281-282), para quem a difusão das tecnologias da informação e da comunicação amplia mais a área da qual são fornecidos bens e serviços em troca de dados pessoais, Já Kakutani, em crítica ao espírito da pós-modernidade, argumenta que na adoção da subjetividade e a diminuição da verdade objetiva houve "glorificação da opinião acima do conhecimento, das emoções acima dos fatos – uma circunstância que ajudou a promover a ascensão de Trump" (2018, p. 73).



Estamos, então, no contexto de uma comunicação de outra ordem, na qual a manipulação, a vigilância, o controle de dados pessoais e a mentira se tornaram práticas normais. Os processos passam a mudar radicalmente em relação ao que se constituiu em termos de comunicação e dos seus meios de propagação de mensagens. Charaudeau (2022, p. 15) considera já possível descrever o discurso manipulatório como um ato específico de impostura. E que daria para lançar luz sobre a era da pós-verdade, passando a questioná-la ao identificar suas estratégias de construção de contraverdades, mesclas de verdade e de negação.

O estado de inverdades, contraverdades, vigilâncias e manipulações de informação chegam ao ponto de abalar os pilares políticos das nações, numa permanente pressão sobre as suas estruturas organizativas. No entanto, Levitsky e Ziblat (2018, p. 15) entende que há outra forma de arruinar uma democracia, menos dramática e destrutiva, pelas mãos dos próprios líderes destas estruturas que subvertem o processo de poder. É a denominada de destruição feita por dentro.

Nossa constatação é de que a cultura da comunicação foi se transformando, constituindo um cenário complexo e profundamente preocupante, na medida em que a história de suas sociedades caminhou para a estruturação dos meios através de tecnologias que escapam ao domínio dos cidadãos. O público em geral não tem noção de como funcionam os mecanismos que definem e determinam os novos modos comunicacionais, porém ficam na ilusão de que os conhecem porque os aparatos estão constantemente nas suas casas e nas suas mãos.

Desta forma, vão escapando mais e mais as chances de que culturas populares variadas assumam protagonismos e autonomia para se fazerem conhecidas e respeitadas, menos ainda de elas poderem alterar o grande sistema.

Há profundos e crescentes entrelaçamentos das estruturas comunicacionais com os sistemas de poder político e econômico, quando a comunicação, tão importante para a humanidade desde os tempos ancestrais, assume outro caráter e funcione centralmente em outras lógicas. A constatação é de que não haveria

qualquer possibilidade de reversão de tais mecanismos, sem alterações muito relevantes nas estruturas políticas e econômicas.



O sistema que estabelece as regras do jogo na órbita mundial é o capitalista, particularmente quando se falar em comunicação, por deter a propriedade e o domínio de praticamente todas as grandes plataformas digitais. Acontece que o capitalismo chegou a uma outra fase de seu desenvolvimento a partir dos anos 1990, chamada de neoliberalismo. A característica principal desta é a extrapolação da ação dos mercados sobre os estados nacionais e seus contingentes populacionais. Há uma precarização das condições e da representatividade do campo do trabalho na relação com as forças do capital. A lógica central do neoliberalismo determina necessariamente o funcionamento das políticas das plataformas de comunicação.

Neste sentido, Dardot Laval (2016, p. 7) nos diz que "o neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades". E são as condições que observamos hoje, porque a sensação é de que o mesmo espírito organizativo, os ritmos, as dinâmicas seguem a mesma orientação. Na perspectiva de Dardot e Laval, o neoliberalismo estendeu a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida" (Dardot; Laval, 2016, p. 7).

Partindo-se do princípio de que o dinheiro representa simbolicamente uma riqueza concreta, faz inteiro sentido o conceito proposto por Belluzzo e Galípolo (20121) de abstração real para dizer que "se trata de produzir e gerar abundância e conforto material para os indivíduos e suas vidas, mas de produzir mercadorias concretas, particulares, úteis ou inúteis, com o propósito de acumular dinheiro" (2021, p. 13).

A filosofia consegue nos explicar mais claramente o caráter da abstração, usada acima no campo econômico. Lukács se refere ao seu oposto, ou seja, à materialidade, ao afirmar que "O concreto, em suma, é ontológico e justamente por isso a consideração ontológica não o assume como resultado, mas como ponto de partida" (2010, p. 326-327). Ele considera que

as abstrações são vazias e não dizem objetivamente nada sobre as coisas a que se remetem.



Mas o fato é que o sistema econômico e suas instâncias operadoras caminham como se pudessem ocupar o lugar da arte, esta, sim, legítima para manifestações abstratas. Os simbolismos do capital soam como subterfúgios de quem não quer deixar às claras os critérios dos valores estabelecidos, muito menos submeter a julgamento o que deveria ser o correto e o justo. As organizações capitalistas neoliberais gerenciam os fluxos da economia através de sistemas digitais a partir de modelos matemáticos.

Ocorre que estes modelos são, na verdade, uma abstração, na medida em que determinam valores para situações e coisas usando os seus próprios critérios, sem que necessariamente haja uma perfeita correspondência. Em tese, fariam o ajuste com as informações retornadas de seus públicos (clientes), porém, como argumenta O'Neil, o feedback será sempre dinheiro. "Seus sistemas são projetados para devorar mais dados e fazer o ajuste fino das análises para que mais dinheiro entre em caixa" (2020, p. 17).

Além disso, estes modelos são falhos porque não levantam intencionalmente todas as informações necessárias. Por serem incompletos apresentam falhas no reconhecimento dos dados dos participantes, fazendo um ajuste próprio das desproporções. Conforme nos diz O'Neil, estas falhas do modelo se chamam pontos cegos. "Os pontos cegos de um modelo refletem o julgamento e prioridades de seus criadores" (2020, p. 24-25).

Os sistemas digitalizados passaram a organizar todas as áreas, incluindo a política, na qual tem havido muitos usos indevidos de dados. Neste campo, o envio de mensagens é programado para oferecer determinados conteúdos, conforme o perfil do receptor, na perspectiva de atraí-lo para o consumo de determinada ideia. Constitui uma propaganda política. Considerando o fluxo nas redes sociais, Empoli (2019) assinala que "a nova propaganda se alimenta sobretudo de emoções negativas, pois são essas que garantem a maior participação, daí o sucesso das fake news e das teorias da conspiração" (p. 14-15).

As imbricações entre comunicação e economia e comunicação e política são evidentes. A ideia de abstração parece ser o conceito que mais unifica estes campos, porque é no campo do



simbolismo que a comunicação se institui e atravessa os demais lugares. A incursão no espaço da política acontece principalmente através de mensagens produzidas para atender determinados interesses e alcançar certos fins. Movimenta-se na linha de oferta do produto ao cliente, mas por muitas vezes a imagem criada é artificial, sem correspondência com o quadro real.

Assim é que se organizam, por exemplo, muitos grupos políticos na internet, tornando-se, inclusive, identidades coesas, mesmo que não haja uma consciência individual dos membros. A tendência é de que permaneçam bastante unidos, com quase nenhum espaço para o estabelecimento de laços com outros grupos. Na percepção de Petruy e Rucchi, a sociedade contemporânea tem se mostrado estilhaçada em múltiplos agrupamentos sociais, em coletivos que mantêm forte identidade entre os seus membros" (2022, p. 50).

A disputa pelo simbolismo ganha contornos de guerra cultural. Rocha nos lembra que o tema da guerra cultural "é, por definição, transnacional e meta-histórico, envolvendo um conjunto considerável de referências teóricas produzidas em muitos idiomas" (Rocha, 2021 p. 5-8). O autor avalia que a guerra cultural bolsonarista, se beneficia de uma técnica discursiva, a retórica do ódio (2021 p. 16). A ação lembra as estratégias de Adolf Hitler, seguindo as orientações do seu primeiro ministro da propaganda, Joseph Goebells.

As estratégias de comunicação destes líderes autoritários e antidemocráticos seguem o caminho de negação da ciência, porque tal conhecimento representaria um empecilho para a consecução de seus objetivos políticos. O cientista Carl Sagan percebe a falácia da proposição e faz o contraponto. Quando nos afastamos assustados da ciência, porque ela parece difícil demais (ou porque não fomos bem ensinados), abrimos mão da capacidade de cuidar de nosso futuro" (1996, p. 42).

As respostas às campanhas anticiência são apresentadas com legitimidade pela própria ciência e pela educação. O neurocientista, Miguel Nicolelis, desenvolveu a tese, publicado em livro, de que a mente humana é a grande protagonista da criação. "O Verdadeiro Criador de Tudo é uma estória sobre as criações do cérebro humano e a



posição central que ele deveria ocupar na cosmologia do universo" (Nicolelis, p. 11-12, 2020).

Por outro lado, o fanatismo pode ser combatido pelos processos da educação, bem representado pelo consagrado educador brasileiro, Paulo Freire, um símbolo da educação libertadora. Em sua teoria dialógica da ação, ele disse que não há um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. "Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação" (Freire, 2005, p. 191-192).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na evolução dos segmentos deste estudo, fomos construindo os entendimentos sobre a temática proposta, na medida em que se estabelecia o diálogo com os autores pesquisados e se dirigia o olhar para a realidade social. O assunto em discussão se encontra na ordem do dia, voltado a compreender as transformações em curso da cultura da comunicação. Vimos que os processos comunicacionais mereceram elevada atenção dos homens desde os tempos ancestrais. Estiveram no centro das estratégias de sobrevivência e da expansão dos conhecimentos.

O Homo Sapiens cumpriu um papel extraordinário na constituição de suas formas de se comunicar ao longo do tempo, seja pelo aperfeiçoamento da linguagem como pelo incremento do aparato tecnológico. O resultado deixa visível um conjunto de avanços nas condições de vida dos diversos povos, mas também se caracteriza por incursões que produziram situações bastante negativas.

Como as informações levantadas foram nos conduzindo para o tempo atual, emergiram naturalmente as questões que mais preocupam a comunicação contemporânea. A constatação mais transparente é que o país e o mundo vivem um drama na comunicação, exatamente pelo fato de ter crescido aquilo que representa o oposto do desejado, ou seja, se instalou um ambiente de desinformação.

Na mesma proporção em que as tecnologias ampliaram imensamente as estruturas comunicacionais, o uso



inadequado por pessoas e organizações fizeram crescer a circulação de conteúdos desqualificados, particularmente nas redes sociais. E o mais grave é que o rebaixamento das mensagens não resultou do erro eventual ou de simples engano na elaboração. Trata-se, na verdade, de ações intencionais em massa, no que podemos chamar de uma produção industrial da desinformação. O quadro toma contornos muito preocupantes, quando se observa que os conteúdos falsos tratavam de assuntos delicados do convívio social, caso dos processos eleitorais e da pandemia de covid-19.

As mentiras em profusão, como se fossem práticas normais, denota o rebaixamento de valores ético-morais e um afastamento dos rumos que poderiam conduzir as sociedades para estágios mais humanísticos. Virou a sociedade da desconfiança, porque ninguém acredita realmente em ninguém, uma vez que o sentido de verdade tem sido fragilizado. O vírus informacional se tornou um problema existencial, num papel das redes sociais de degradação humana. A internet parece ter virado uma terra sem lei.

Além disso, os processos informacionais definidos por algoritmos viabilizaram invasões de privacidades e roubos de dados, quando não a submissão de pessoas a constrangimentos em transações comerciais. Atitudes de intolerância e discursos de ódio se tornaram constantes através das modernas mídias, além de organizações de grupos para manifestações antidemocráticas a ponto de caracterizarem atos golpistas.

As grandes plataformas digitais, as chamadas *big techs*, passaram a centralizar a disponibilização de conteúdos, definindo o que poderia ser publicado ou não e quais as prioridades. As empresas se recusam ou resistem bastante a seguirem parâmetros comunicacionais estabelecidos pela sociedade através de seus órgãos competentes.

Conforme estudiosos que nos serviram de referência, os modelos algoritmos que as plataformas constroem apresentam lacunas, denominadas pontos cegos, e sempre irão falhar em algum momento por serem incompletos. Deixam fora, por exemplo, uma série de pessoas que não se encaixam nos critérios para participarem



de determinados circuitos, envolvendo no fundo sempre dinheiro, no que criam os usuários de primeira e de segunda categoria, atribuição que não lhes cabe numa perspectiva legal. Há pouca transparência e estas empresas, monopólios internacionais do setor, se recusam a se submeter a regulamentações.

Cabe perguntar, estabelecendo-se aqui uma problemática: superamos a sociedade de massa, típica das velhas mídias tradicionais, ou ingressamos numa massificação de novo tipo? Tratar-se-ia de formato no qual um arsenal de informações atinge indivíduos organizados em bolhas que, somadas, ganham dimensões massificantes. O contexto envolve ainda anonimatos para compartilhar conteúdos ofensivos, isto significaria, a massificação da baixaria, dos ralos e guetos.

Edgar Morin (2001) diz ser necessário proceder uma *culturanálise*, isto é, diagnosticar a situação cultural da nossa sociedade, conceber como funciona sociologicamente qualquer sistema cultural.

A crise das humanidades se situa a princípio no plano do saber. A predominância da informação sobre o conhecimento e do conhecimento sobre o pensamento desintegrou o saber; as ciências contribuíram enormemente para essa desintegração, especializada ao extremo, isto é, compartimentalizando ao extremo, o saber. (Morin, 2001, p. 103).

Parece-nos que a argumentação de Morin, constante acima, alcança um ponto central da questão. Podemos deduzir que os impressionantes aparatos de comunicação atuais, embora ofereçam algumas contribuições ao conhecimento, estão se prestando bem mais para desqualificar as relações humanas no plano das massas, afastando-as das possibilidades do real saber. O contexto midiático também segue o roteiro de criar uma predominância da informação sobre o conhecimento e do conhecimento sobre o pensamento, desintegrando o saber.

Retomando o título deste artigo "Velhas e novas culturas de comunicação: tempos de construção de realidades sociais irreais", percebe-se que se encontra em jogo de fato são os rumos da comunicação do Homo Sapiens. Os ancestrais marcaram um relevante ponto de partida, permitindo que os passos seguintes fossem na busca de mais conhecimento. As estruturas comunicacionais, como se



apresentam neste momento da história, tensionam na direção do não saber, se considerarmos os mecanismos digitais existentes, na base de algoritmos, provocadores de um reducionismo da complexidade dos conhecimentos. As realidades criadas são, então, irreais e sugerem uma cultura da comunicação mais pobre no futuro.

Apesar do cenário preocupante, pode-se ter um pouco de otimismo, se olharmos para outras possibilidades. Em primeiro lugar, apreciando o significado do livro de autoria do neurocientista Miguel Nicolelis, sob o título "O Criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos". Coloca o Homo Sapiens em um elevado patamar de grandeza e dignidade, no lugar de figura central do cosmo.

Nestas condições seria razoável esperar que o homem de hoje mude sua rota e passe almejar construir não somente a sociedade da informação, mas a sociedade da comunicação. Dar-se conta que o cérebro humano não é digital. É analógico e que o seu compasso é o da reflexão. Não se submeter à falácia constituem uma inteligência artificial. Elas são apenas reproduzoras velozes e sofisticadas de conhecimentos já sabidos, produzidos pelo ser humano, por último deveria vencer a atual distopia, a imaginária sociedade opressora, e produzir uma nova utopia, uma sociedade justa e solidária no horizonte, a alimentar os mais belos sonhos humanos.

226

REFERÊNCIAS

BELLUZO, L. G.; GALÍPOLO, G. *Dinheiro: o poder da abstração real*. 1 ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 20121.

BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DURKEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Porto Alegre: Editora Martin Claret, 2003.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. Edição do Kindle Ed. 1. São Paulo: Vestígio, 2019.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.



FIGUEIREDO, Livia Marcos Ferrari. Liderança de opinião e interpessoalidade. *Comunicação & Inf.*, v. 16, n. p. 98-112, jan/jun. 2013. Disponível em: 18/04/2023. <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/81008>. Acesso em:

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GREENWALD, G. *Sem lugar para se esconder*. 1ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

HARARI, Y. N. *Sapiens – uma breve história da humanidade*. 30 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

KAKUTANI, M. *A morte da verdade: nota sobre a mentira na era Trump*. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KEYES, R. *A Era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea*. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *Como as democracias morrem*. 1ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2018.

LUKÁCS, G. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MELLO, P.C. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

NICOLELIS, Miguel. *O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós conhecemos*. Edição do Kindle. São Paulo: Planeta, 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de Destruição em Massa*. Edição do Kindle. São Paulo: Editora Rua do Sabão, 2020.

RICCI, R. *Fascismo brasileiro: e o Brasil gerou seu ovo da serpente*. 1 ed. Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Edição do Kindle, Goiânia: Caminhos, 2021.

RODOTÀ, Stefano. *A vida na sociedade da vigilância: a privacidade hoje*. 1 ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2008.

SAGAN, C. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SNOWDEN, Edward. *Eterna vigilância: como montei e desvendei o maior sistema de espionagem do mundo*. 1 ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

STEPHENS, M. *História das comunicações: dos tantãs aos satélites*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. 4 ed. Lisboa – Portugal: Editorial Presença, 1995.



Recebido em 10 de abril de 2023.

Aprovado em 29 de maio de 2023.

228

ⁱ Em Caruaru- PE, bolsonarista se prende ao para-brisa de um caminhão. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/04/video-com-bolsonarista-em-para-brisa-de-caminhao-gera-memes-veja.ghtml>> Acesso em: 20/04/2023.

ⁱⁱ Roda de bolsonaristas, rezando com celular na cabeça. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/11/21/grupo-de-bolsonaristas-faz-circulo-com-luzes-em-porto-alegre-e-pede-para-que-general-olhe-por-eles.ghtml>. Acesso em: 20/04/2023.

ⁱⁱⁱ Saudações nazistas em São Miguel do Oeste-SC. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/02/promotoria-poe-gaeco-para-investigar-saudacao-nazista-em-manifestacao-em-sc.htm>>. Acesso em: 20/04/2023.

^{iv} Crianças mortas em creche de Blumenau. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-creche-blumenau.ghtml>>. Acesso em: 20/04/2023.

^v Atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. <<https://opopular.com.br/politica/veja-fotos-e-videos-de-atos-golpistas-em-brasilia-1.2591906>>. Acesso em: 20.04/2023.